

**A MEMÓRIA DO PODER E O PODER DA MEMÓRIA: O PALMILHAR DE
PONCIÁ VICÊNCIO DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**THE MEMORY OF POWER AND THE POWER OF MEMORY: PONCIA VICÊNCIO
EVARISTO'S TREAD**

Gildete Paulo Rocha*

Marlúcia Mendes Rocha**

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a narrativa como local de encenação das relações entre memória e identidade, sendo essas entendidas como produções discursivas, logo saturadas ideologicamente e o diálogo como a linguagem em sua concretude social, por isso nem sempre simétrico. A reflexão terá como elemento problematizador a obra *Ponciá Vicêncio* (2003), da escritora Conceição Evaristo, considerando ser a discussão em torno da construção identitária da protagonista, por extensão, dos afro-brasileiros. Para tanto, nos pautaremos na noção de identidade cultural em Stuart Hall (2003; 2006), de dialogismo em Bakhtin e de memória em Jacques Le Goff e Michel Pollack.

Palavras-chave: Ponciá Vicêncio; memória; discurso; poder.

Abstract: This present article aims at reflecting about the narrative as place of staging the relationship between memory and identity, being them understood as discursive productions, thus ideologically saturated, and the dialogue in these texts understood as the language in its social concreteness, consequently not always symmetrical. The reflection in the article will have as its problematizing element the romance *Ponciá Vicêncio* (2003), whose writer is Conceição Evaristo, considering the discussion around the protagonist as also, by extension, of the Afro-Brazilians. To this end, we'll take as basic the notion of cultural identity of Stuart Hall (2003; 2006), the notion of dialogism in Bakhtin (2010) and the notion of memory in Jacques Le Goff (1994) and Michell Pollak (1984; 1999).

Key words: Ponciá Vicêncio; memory; discourse; power.

Introdução

Teóricos têm enfatizado a relação entre memória e a construção identitária quer seja individual, quer seja coletiva. No presente estudo, tomaremos como foco de nossa reflexão a memória coletiva, ou seja, a memória concebida como fato social, por isso podendo ser

* Mestranda em Letras: Linguagens e Representações – Linguagens e cultura: representações em perspectiva. UESC- Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: gildeteba73@oi.com.br

** Orientadora, Profª Adjunta do Mestrado Linguagens e Representações – Linguagens e cultura: representações em perspectiva. UESC- Universidade Estadual de Santa Cruz-BA.

entendida como estratégia discursiva de representação, construção, reconstrução de sentido do passado¹, sendo o ato de narrar o elemento viabilizador de tal evento. De acordo com Flores:

No campo das ciências humanas e sociais, o “ato mnemônico fundamental é o comportamento narrativo que se caracteriza pela sua função social, pois, é a comunicação da informação ao outro, na ausência do acontecimento ou do objeto, que constitui o seu motivo (FLORES apud LE GOFF, 1994, p.424).

É pertinente ressaltar que todo “ato mnemônico” implica interferências sobre o recuperado via narrativa, interferências, dentre outras, em decorrência das disputas de poder sobre a representação desse “passado”. Assim a narrativa da memória atua como representação de sentidos decorrentes dos discursos. O discurso por sua vez é dialógico, o que pressupõe jogo de forças.

Por considerarmos que a construção da memória bem como da identidade têm relação direta e imprescindível com a narrativa e conseqüentemente com a literatura, fazemos do presente texto um convite à reflexão sobre a obra *Ponciá Vicêncio* da escritora Conceição Evaristo no tocante à busca pelo autoconhecimento realizada pela protagonista, o papel desempenhado pela memória e as relações de poder implícitas nesse processo.

Em se tratando da questão da identidade dos afro-descendentes – descendentes de africanos escravizados no Brasil –, o fator memória assumirá o sentido de passado em direção ao presente, no sentido de uso do poder da memória como instrumento de intervenção social.

No encalce do proposto, em um primeiro momento, serão feitas algumas reflexões sobre dialogismo em Bakhtin e como o teórico o explora no contexto da literatura, mais especificamente na prosa literária. Em seguida, será pensado o conceito de identidade em Hall e de memória em Le Goff e Pollak. Com base em tais reflexões propor-se-á uma leitura em que se discuta a possibilidade de um diálogo entre os teóricos, buscando pontos de convergência, bem como a articulação da leitura da obra ficcional com as leituras teórico-críticas.

Maria Conceição Evaristo de Brito, licenciada em Letras pela UFRJ, mestra em Literatura Brasileira pela PUC - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1996) – cuja dissertação é intitulada *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* e doutora em Literatura Comparada pela UFF- Universidade Federal Fluminense (2011), onde faz um *Estudo comparativo: autores africanos de língua portuguesa em confronto com a literatura afro-brasileira*. Faz palestras no Brasil bem como em outros países – a exemplo

¹ O uso do par passado/presente a que nos referiremos está para a perspectiva de LE GOFF, para quem “a distinção é a que existe na consciência coletiva, em especial na consciência social e histórica” (1994, p. 204).

Viena e Áustria – falando sobre literatura afro-brasileira. Tem produções publicadas desde 1989, porém seu merecido reconhecimento dentro e fora do Brasil é recente. Em 1990, passou a publicar suas produções na série *Cadernos Negros*, do *Grupo Quilombhoje*, de São Paulo, que no número 13 traz impresso, dentre outros, o conhecido poema *Vozes mulheres* que, pode-se dizer, configurou-se uma marca de sua poética em versos que cantam a pertinência do “eu poético” feminino e negro falar por si e pelos seus. É autora de inúmeros capítulos de livros nacionais e internacionais e tem as seguintes publicações individuais: *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003. (romance), *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006. (romance), *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008 e *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011 (contos).

O romance *Ponciá Vicêncio* foi incluído na lista de obras do vestibular da UFMG do ano de 2008 e vem sendo objeto de estudo em artigos, dissertações e teses. Em 2007, foi traduzido para o inglês pela *Host Publications*. Contudo, ainda tem sido um romance de tímida circulação e notoriedade no âmbito acadêmico.

Com narração em terceira pessoa e uso do discurso indireto livre, permitindo-nos ter uma visão profunda dos personagens, a obra *Ponciá Vicêncio*² encena a história da protagonista de nome homônimo em sua busca pelo autoconhecimento, numa narrativa fragmentada oscilando entre o passado e o presente.

O cenário é o Brasil pós-abolição. Ponciá e sua família (a mãe, o pai e o irmão) vivem em um lugarejo de nome Vila Vicêncio, onde se concentra uma população de descendentes de escravos. Seu pai e seu irmão assim como os demais homens das famílias que ali habitam, trabalham na lavoura para a família Vicêncio. Seu pai, avô e bisavô vivenciaram as leis escravagistas (ventre livre, sexagenária e Áurea).

A discussão delineada em torno da identidade está centrada na herança identitária de seu avô – Ponciá era a guardiã da memória ancestral.

Ainda menina ela já demonstrava inquietação com o seu nome no qual não se encontrava, bem como em relação à situação dos seus e dos demais habitantes do lugarejo. Inquietação essa que a leva a aprender a ler e, com a morte do pai, ir para cidade em busca de outras perspectivas.

² A distinção, no decorrer do texto, entre *Ponciá Vicêncio* obra e Ponciá Vicêncio protagonista será estabelecida pelo uso do itálico no primeiro caso.

Em meio às experiências tantas vivenciadas na cidade e rememoração do passado, recrudescer a busca pelo autoconhecimento – ela continua achando seu nome vazio e distante – , volta a sua terra natal, não encontra os seus e retorna à cidade.

Sinais de que a herança estava prestes a se cumprir começam a ficar mais evidente tendo seu ápice no reencontro com o irmão e mãe e simbolicamente com seus antepassados.

Feito isso, adentrar-se-á propriamente no tema proposto. Para tanto, faz-se necessário situar devidamente a situação proposta. Nossa reflexão partirá de dois pressupostos básicos. O primeiro é o dialogismo como intrínseco ao funcionamento da linguagem humana. Logo, o ser humano concebido como ser da linguagem, sendo impossível pensar a construção identitária fora de um processo relacional e dialógico. Segundo, que a memória é uma construção que se produz em referência aos outros, em outras palavras, que a memória também implica uma ação interativa e dialógica.

1. Dialogismo: aspecto essencial do ser humano

O dialogismo, segundo Bakhtin (2010), é inerente a toda a linguagem e pode ser entendido como interação do discurso de um sujeito com o(s) discurso(s) de outro(s) em uma situação real de comunicação estabelecida socialmente. Não se trata, portanto, de uma existência paralela, mas de uma coexistência de diferentes vozes.

O caráter de “responsividade” do diálogo gera a possibilidade de resistência. O que viabiliza a leitura de que, para Bakhtin, o sujeito não é totalmente assujeitado ao social, pois na réplica está o inacabamento do sujeito. Em outras palavras, o ser humano é inacabado e essa idiosincrasia o possibilita um espaço de liberdade. Assim sendo, o dialogismo assume um caráter de discurso ou enunciado saturado ideologicamente.

O teórico concebe a linguagem, e por extensão, linguagem literária como processo discursivo. E, em se tratando de representação e construção de sentidos, ao pensarmos no caráter dialógico da linguagem e os efeitos de sentidos decorrentes dos discursos que constroem a narrativa, a prosa literária pode ser entendida como local de encenação de conflitos inerentes ao próprio processo de significação mediante embate de vozes sociais que aí se materializam.

O papel do “outro” na constituição do “eu” no âmbito da criação artística tem sua melhor explanação na obra “O autor e o herói”, texto em que o filósofo pensa sua teoria a

partir do discurso literário. Para tanto, faz uso do “excedente de visão”, próprio do autor, devido à posição exotópica que esse ocupa no conjunto da obra literária.

O distanciamento provocado pelo olhar de fora permite que o autor veja no herói aquilo que o herói não consegue ver em si mesmo. É no processo de interações contínuas que o “eu” vai se constituindo. Assim, a questão da alteridade pressupõe uma dimensão dialógica onde a interação entre o “eu” e o “outro” é crucial.

De acordo com a noção de hibridismo em Bakhtin, esse é caracterizado por:

[...] uma mistura de duas linguagens sociais no interior de um único enunciado, é o reencontro na arena deste de duas consciências linguísticas diferentes, separadas por uma época, pela diferenciação social (ou por ambas) das línguas. (BAKHTIN, 2010, p.156).

O que pode ser lido como uma confluência de variados extratos sociolinguísticos materializadas em práticas discursivas em constante estado de tensão.

Bakhtin distingue o hibridismo natural – característica natural de todas as línguas – daquilo que ele chama de hibridismo intencional, que aparece em narrativas literárias. “A prosa literária pressupõe a percepção da concretude e da relatividade históricas e sociais da palavra viva, de sua participação na transformação histórica e na luta social [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 133).

Há nessa passagem a ideia da prosa literária como local onde se encena a linguagem em sua concretude, logo atravessada pela ideologia. E, ao atribuir ao romance um caráter plurilíngue, reconhece nesse gênero literário a expressão mais completa e mais profunda do dialogismo e conseqüentemente um palco de hibridização.

É pertinente ressaltar, parafraseando Silva (2000), que a ocorrência da hibridização dá-se entre identidades situadas assimetricamente em relação ao poder. Seguindo essa linha de raciocínio, é preciso entender o hibridismo como uma confluência, numa relação conflituosa, no âmbito da linguagem, de culturas, valores e conseqüentemente ideologias díspares.

Nesse processo relacional da constituição de identidades, a alteridade do branco constitui o negro tanto quanto a alteridade do negro constitui o branco; instaura-se, assim um hibridismo no seio da identidade. Esse processo relacional é entendido como agonístico e antagonístico, onde o papel da alteridade e da relação são elementos constituintes da identidade. As identidades resultantes desse processo não são na íntegra nenhuma das envolvidas no processo, mas guardando traços delas.

2. A identidade afrodescendente e suas vertentes

Em decorrência de um processo histórico que se desencadeou com a diáspora forçada de africanos, a busca identitária por parte dos descendentes de africanos foi num primeiro momento, reativa, opositiva. Seguiu-se uma linha de raciocínio marcada pela busca de uma pureza original, uma essência. O que configura-se como improdutivo pois, de acordo com Hall:

O momento essencializante é fraco porque naturaliza e deshistoriciza a diferença, confunde o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético. No momento em que o significante “negro” é arrancado de seu encaixe histórico, cultural e político, e é alojado em uma categoria racial biologicamente constituída, valorizamos, pela inversão, a própria base do racismo que estamos tentando desconstruir. (HALL, 2006, p.36-37)

Também, é possível inferir nessa perspectiva uma concepção de identidade como unitária, fixa e estável. O que segundo Hall,

Trata-se de uma concepção fechada de ‘tribo’, diáspora e pátria. Possuir uma identidade cultural nesse sentido e estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta (HALL, 2006, p. 29).

Já em um segundo momento a questão do debate identitário passa a ter uma concepção de processo em constante movimento. E nessa abordagem, tomaremos como base Hall (2003) que na obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, ao propor três concepções de identidades, ressalta a pertinência de se pensar o sujeito como que “composto de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”.

A identidade não é algo a ser atingido, mas algo que se vive na tensão, em permanente incompletude. Logo, discutir a identidade no contexto da diáspora é algo que ultrapassa uma concepção binária que tem como base dois polos opostos: identidade colonizadora versus identidade colonizada. Em vez disso, temos identidades culturais construídas segundo significados e posições relacionais e em constante transformação. A identidade é definida historicamente e não biologicamente. De tal modo que, de acordo com Stuart Hall (2003), devemos considerar que:

[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*. [...] Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – *um sistema de*

representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos / às legais de uma nação; elas participam da *ideia* da nação tal como representada em sua cultura nacional (HALL, 2003, p. 49).

Afirmativa que realça a inviabilidade de se conceber a identidade cultural/nacional, especialmente na contemporaneidade, sob um viés homogêneo quer de etnia, quer de raça. E mais uma vez, com a palavra Hall: “[...] uma cultura nacional é um discurso, um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2003, p.50).

3. Ponciá Vicêncio, memória e identidade: uma ação interativa e dialógica

Pollak (1992), ratifica a relação entre construção da memória e a construção da identidade ao afirmar que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, na medida em que ela é também um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência do grupo em reconstrução em si” (p. 204).

E por sua vez, Jacques Le Goff também pontua a relevância dessa relação. De acordo com o teórico, memória é:

[...] um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder (LE GOFF, 1994, p. 476).

Diante do exposto, a construção da identidade e da memória será entendida como mediada pela linguagem, em outras palavras, como significados cultural e socialmente atribuídos. Conceito esse que, na acepção de Bernd, “se revela extremamente útil para iluminar a leitura de textos que, produzidos em uma situação de cruzamento e de dominação cultural, procuram reencontrar ou redefinir seu território” (BERND, 2003, p.18).

A obra *Ponciá Vicêncio* problematiza a questão do universo afro-brasileiro por meio da abordagem da questão da identidade da protagonista. A narrativa da busca identitária consiste num movimento que traz à tona o passado no momento presente, via rememoração, “[...] Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro” (p. 19).

Vale ressaltar que o verbo rememorar implica uma interpretação crítica dos fatos experienciados, o que é propiciado pelo distanciamento. A exemplo do estranhamento da protagonista em relação ao seu nome que traz o “Vicêncio” como estigma do colonialismo.

[...] Ponciá Vicêncio sabia que o nome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado do de sua memória para o barro [...]. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio. [...] O tempo passava, a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome. Continuava achando o nome vazio e distante (EVARISTO, 2003, p.29).

É também possível inferir nessa passagem – tendo como contexto o Brasil pós-escravatura – que a protagonista caracteriza-se por uma individualidade social historicamente concreta e definida, sendo o seu discurso uma linguagem social, logo marcado por sua ideologia. O que leva a afirmação de que as ideias já pontuadas pelos teóricos Bakhtin e Hall coadunam com a preocupação de Pollak em sinalizar o caráter “flutuante, mutável da memória tanto individual quanto coletiva” (POLLAK, 1992, p.2), devido ao traço de ser essa uma construção social.

Ao se pensar na experiência como elemento norteador dentro de uma questão mais ampla que é a memória, torna-se evidente um diálogo com o narrador benjaminiano. Visto ser a principal característica deste narrador, ser um contador de histórias experienciadas não só por ele, como também por terceiros. O que mais uma vez nos remete a Pollak ao elencar os três elementos constitutivos da identidade.

Segundo Pollak, são três os elementos constitutivos da identidade: os “acontecimentos”, as “pessoas e personagens” e os “lugares” da memória. Sendo que os acontecimentos se dividem entre os “vividos pessoalmente” pelos sujeitos e os “vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente perceber” (POLLAK, 1992, p. 201). Em relação aos acontecimentos vividos por terceiros, ele levanta a seguinte questão:

É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992, p.2).

O que por sua vez está em consonância com a obra em questão, ao se pensar na protagonista que rememora tanto acontecimentos pessoais quanto aqueles que são frutos da experiência do seu grupo. Ideia que é confirmada pela atuação da protagonista como guardiã e

“transmissora da memória cultural de seu povo, simbolizada pela estatueta do avô feita de barro”.

Ponciá Vicêncio, mesmo menina de colo ainda, nunca esqueceu o derradeiro choro e riso do avô. Nunca esqueceu que, naquela noite, ela, que pouco via o pai, pois ela trabalhava lá na terra dos brancos, escutou quando ele disse para a mãe que Vô Vicêncio deixava uma herança para a menina (EVARISTO, p. 15).

Continuando, Ponciá guarda ainda criança, a pessoa do avô na memória e a materializa no barro:

[...] um dia ela fez um homem baixinho, curvado, magrinho, graveto e com o bracinho cotoco para trás. [...] O pai de Ponciá Vicêncio olhou o homem de barro que a menina havia feito e reconheceu nele o seu próprio pai. Pegou o trabalho e examinou bem. Os olhos, a boca, as costas curvadinhas, a magreza, o bracinho cotoco, todo era igual, igualzinho. A boca ensaiava sorriso, mas no rosto, a expressão era de dor. Teve a sensação de que o homem-barro fosse rir e chorar como era feito de seu pai. (EVARISTO, 2003, p.21-22).

Uma possível leitura dessas passagens, dentro do cominho aqui proposto, é do moldar a figura do avô como a materialização da força ancestral, sendo assim a moldagem, a marca criativa da releitura dessa ancestralidade.

E é a atualização da memória ancestral que vem propiciar a aresta do possível agenciamento em prol de novos tempos.

A irmã tinha os traços e os modos de Vô Vicêncio. Não estranhou a semelhança que se fazia cada vez maior. Bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, quem sabe, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um novo destino (EVARISTO, 2003, p.126).

Assim, a reestruturação identitária da personagem – tendo como referência a memória dos africanos escravizados, e por sua vez, as sequelas e ao estigma que marcou e marca a história de seus descendentes – esta claramente associada à atualização da memória herdada, sendo o poder de resistência inerente à ação de reinterpretar desta herança.

Contudo, se a atualização da memória e da identidade cultural não anula as marcas históricas do passado, também não a fixa ou concebe nesse tempo anterior, isto é, não concebe a tradição como uma fonte supostamente pura, autêntica e consensual de identidade. O próprio ato de rememorar impossibilita o encontro com uma origem mítica, uma vez que

esse sofreu interferência da história. Tampouco torna-se o produto, resultante dessa busca, como algo definido e acabado.

Não por acaso que Ponciá Vicêncio chega ao final da narrativa, que não é necessariamente o final de sua busca, com a certeza de que,

[...] Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás [...] A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do- depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser (EVARISTO, p. 127).

O ser humano é inacabado, sua história é processual. Logo, nas palavras de Hall, não se trata de uma “ontologia ligada ao ser, mas ao tornar-se” (Hall, 2003, p.44). A construção memória e identidade dos afro-descendentes não se encontra em *Ponciá Vicêncio*, aprisionada aos fatos vivenciados, mas sim situadas numa dinâmica relacional e conflituosa em que a memória do poder é subvertida pelo poder da memória. É a memória como elemento impulsionador de uma intervenção social. Logo, não é a busca de uma vinculação do presente ao passado, mas a reapropriação do passado atualizado, ou em outras palavras, o passado no presente. O que implica a subversão de verdades impostas, a desestruturação da ordem estabelecida, desenraizamento dos acontecimentos passados e por sua vez viabilizando o problematizar desses fatos.

Memória que longe de ser um conceito pronto, fechado é inquietante, impulsiona a um constante devir e desestabiliza o poder uma vez que o relativiza.

Referências bibliográficas:

BAKHTIN, Mikhail M. A forma espacial da personagem. In: _____. *Estética da criação verbal*. 5 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. p.21-25.

BAKHTIN, Mikhail M. O discurso no romance. In: _____. *Questões de literatura e de Estética (A Teoria do Romance)*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010. p. 71-84.

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

BENJAMIN, Walter. O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. De Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-211.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine la Guardia Rezende. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão (et al.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994. p. 203-477.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

Artigo recebido em agosto de 2012.

Aceito em setembro de 2012.